



**Martírio de São Cassiano, por Innocenzo Francucci.**

Também São Cassiano sofreu o martírio por esta arte, que exercitava e ensinava em Ímola, cidade da qual era Bispo. Marco Aurélio Prudêncio, poeta espanhol do século 4º d.C., escreveu um hino em louvor de São Cassiano de Ímola. É o Hino IX (Passio Sancti Cassiani Forocorneliensis), do Peristephanon, um conjunto de XII Hinos, em que relata o martírio de diversos cristãos.

Narra o Poeta que um dia ele, dirigindo-se a Roma, deu uma parada em Foro Cornélio (Ímola) para visitar o sepulcro de São Cassiano. Enquanto rezava, levantando o rosto, fixou os olhos sobre um quadro, representando o martírio do Santo: “Cassiano – narra Prudêncio – estava dilacerado por mil feridas: todos os membros do seu corpo estavam feridos, cheios de chagas, e toda a sua pele estava despedaçada por pequenos furos. Em volta dele, um bando de meninos, coisa horrível de se ver!, molestavam-no, furando o seu corpo com pequenos estilos, os mesmos estilos de que se serviam para escrever sobre a tabuleta encerada e taquigrafar as suas lições.

“O guardião do sepulcro disse-me: o que você está vendo, meu hóspede, não é uma lenda sem fundamento, ou um conto. Esta pintura representa uma história, como está escrita nos livros, que demonstra a verdadeira fé dos tempos antigos. Cassiano era mestre de escola. Ele era perito em registrar as palavras com signos abreviados e em seguir rapidamente, com pequenos caracteres, a palavra fugidia. Os seus rígidos preceitos e a severidade do seu rosto incutiam nos alunos ira e temor.”

“Quando uma cruel tempestade de perseguições se desencadeia sobre o povo cristão, o mestre Cassiano é dilacerado na sua escola, porque se negou a oferecer sacrifícios aos deuses”.



**São Jerônimo (Pietro Paolini)**

Não podemos esquecer de São Jerônimo, que aprendeu as Notas Tironianas e exerceu a profissão de notário em Roma.

São Jerônimo, cotado entre os maiores Doutores da Igreja dos primeiros séculos, homem de cultura enciclopédica, escritor, filósofo, teólogo, retórico, possuía uma equipe de dez notários para taquigrafar seus discursos e suas obras. Segundo S. Isidoro de Sevilha, São Jerônimo, um improvisador por excelência, ditou e compôs 6000 livros.

As suas obras foram publicadas pelos Beneditinos, de 1696 a 1706. Os taquígrafos eram mantidos por seus amigos e admiradores.

Interessante é este trecho em que São Jerônimo se refere a um taquígrafo:

*“Notário aut statim dicto quidquid in buccam venerit, aut si paululum voluero cogitare, melius aliquid prolaturus, tunc me tacitus ille reprehendit, frontem rugat, menum contrahit, et se frustra adesse toto gestu corporis contestatur.”* (Dito logo ao notário o que me vem aos lábios, e se paro um pouco para refletir, para dar uma melhor forma ao que exponho, ele me reprova, franze a testa, aperta os dedos, a querer demonstrar, com toda a postura do corpo, que ele está ali sem fazer nada.)

De São Jerônimo temos ainda outro interessante fato. Foi encarregado pelo Papa Damaso I (de quem era secretário) de traduzir as Sagradas Escrituras, revendo a versão dos Setenta. E foi a tarefa empreendida da seguinte maneira: um rabino lia para ele o texto em hebraico. São Jerônimo traduzia simultaneamente para o latim e *um taquígrafo anotava imediatamente a tradução latina*. Esta tradução da Bíblia por São Jerônimo ficou conhecida pelo nome de “Vulgata”.

Santo Agostinho, bispo, teólogo e filósofo, um dos maiores expoentes da Igreja, tinha uma equipe de dezesseis notários.



**Tomás de Aquino**

Tomás de Aquino (1225-1274), frade dominicano, Doutor da Igreja e o mais insigne expoente da Escolástica, dono de portentosa memória e inteligência invulgar, ditava, no silêncio da cela, a três ou quatro taquígrafos ao mesmo tempo, *“cellae autem silentio tribus saepeque quatuor librariis uno tempore dictabat”* (Atti dell’Accad. Romana di S. Tommaso d’Aquino, vol. I, pág. 63.). Tomás de Aquino era, ele próprio, segundo seus biógrafos, um velocíssimo escritor, que se utilizava muito de abreviações. Sua intensa atividade de estudioso, de mestre e de escritor estimulava uma escrita abreviada, que poupava tempo e papel. Esta carência de papel na Idade Média induzia ao uso da escrita abreviada. Há o testemunho do frade Nicolau de Marselha, discípulo de São Tomás em Paris, de que este, vivendo na pobreza, *non habebat chartas* (não tinha papel) para escrever o livro “Contra Gentes” e o ia compondo *in schedulis minutis* (em pequenos bilhetes).

Ainda sobre o uso da taquígrafia pela Igreja, é importante salientar que todos os Concílios, incluindo o Vaticano II, tiveram um Corpo de Taquígrafos.

As Notas Tironianas tiveram uso especial na Corte Papal. Vários Papas tiveram taquígrafos à sua disposição.

Foi, então, o Cristianismo que deu novo alento à taquigrafia, exatamente no momento em que esta iniciava a sua decadência. Mas a decadência era inevitável, pois muitos fatores contribuía para isso.

Em primeiro lugar, é preciso considerar o fator técnico: trata-se de uma arte surgida no último século a.C. e, apesar de ter sido revista e atualizada, as bases haviam ficado mais ou menos inalteradas.

Durante esses séculos a escrita havia continuado na sua progressiva e incessante ascensão. Dos caracteres geométricos e primitivos, como a escrita maiúscula dos romanos, havia passado lentamente para a escrita cursiva, que, na realidade, pode ser considerada uma escrita rápida, em relação à anterior. Além disso, as modernizações e modificações que as Notas sofreram nos vários séculos, para poderem responder plenamente ao uso a que eram destinadas, ofereciam notáveis desvantagens. Faltava uma coesão e uma unidade no sistema, e aumentava-se notavelmente o número das abreviações de caráter particular e fixo.

Desta forma, enquanto os elementos fundamentais do sistema permaneciam inalterados, sem sofrer uma transformação gráfica que permitisse a eles atualizarem-se às novas exigências, de outra parte as modificações produzidas tendiam a transformar o sistema orgânico em uma forma de escrita mais ou menos subjetiva.

Ora, se se pensar a que ponto de difusão alcançaram as Notas, pode-se facilmente compreender quais conseqüências inevitáveis deveriam sofrer. Em primeiro lugar, a falta de segurança na releitura das Notas. E como documentos legais e leis eram escritas em caracteres estenográficos (Notae Juris), acabaram por gerar facilmente erros e falsas interpretações, a tal ponto que o Imperador Justiniano se viu obrigado a proibir o seu uso em documentos legais.

Além de tudo isso, um fator de capital importância contribuiu para acelerar o desaparecimento desta arte: a decadência política.

Com a queda do Império romano do Ocidente (476), desaparece a grandeza e o esplendor de Roma.

Além da decadência política, iniciou-se um período de decadência para as artes, as ciências.

Também a taquigrafia foi vítima, por assim dizer, dessa decadência. E, da mesma forma como o esplendor, a efervescência e a potência de Roma, como a eloqüência dos grandes homens políticos haviam feito surgir do nada esta arte, haviam-na plasmado, feito viver e funcionar, assim a submissão política, a ausência de oradores, foram determinantes para a decadência das Notas.

Diz Gabelsberger (Obras, Vol. II, pág. 69):

*“É pena que, com a queda da República Romana, também a Estenografia, junto com a eloqüência política, que lhe havia dado origem, tivesse sido obrigada a sentir logo as danosas conseqüências do esfacelamento das instituições cívicas, submetendo-se às tormentas dos tempos, como tantas outras belas artes da antiguidade, e tivesse caído num longo letargo.”*

*“O grande interesse que a arte havia suscitado em torno de si, e que apenas podia assegurar uma verdadeira vitalidade, não existia mais para ela; a livre palavra dos homens de Estado e dos patriotas iluminados teve que se calar diante da violência preponderante dos opressores da liberdade. Por outra parte, a que propósito podia valer a pena polir e aperfeiçoar ainda mais uma arte tão difícil e a que faltava, agora, um escopo?”*

Mas como Roma não estava morta e vivia em seu sono profundo, pronta a assenhorear-se ainda do mundo, assim esta arte não desaparece de todo, mas vive uma

vida ignorada, na sombra, esperando talvez o homem que a levasse ainda uma vez à luz do sol.

A decadência das Notas se acentua ainda mais no século VI, e a causa é sempre o fator político.

Podemos dizer que do século VII ao Xº, as Notas foram usadas quase exclusivamente nas chancelarias dos Merovíngios e dos Carolíngios.

Raros sinais desta arte são encontrados no século XI, e parece que o último documento referente às Notas Tironianas seja de 1067, na França sob Filipe I.

## A REDESCOBERTA DAS NOTAS TIRONIANAS

Nos séculos subseqüentes as Notas Tironianas não foram mais usadas. Mas não ficaram perdidas de todo. Elas aparecem ainda uma vez na vida da taquigrafia, graças ao trabalho daqueles estudiosos que por elas se interessavam, buscando novamente as suas origens, estudando a sua técnica.

Nesta fase, as Notas Tironianas levantam-se da obscuridade em que se encontravam e reaparecem gloriosas. Na feliz citação de Zeibig, este estágio da sua história sugere um reaparecimento “*dubiae crepuscula lucis*” (da luz de um crepúsculo).

Examinemos, então, como as Notas foram redescobertas e quais foram os estudiosos que se dedicaram ao estudo desta forma de escrita abreviada prodigiosa.

Certamente a reconstrução deste sistema taquigráfico não foi muito fácil. Faltavam documentos precisos sobre os quais se basear.

De fato, com muita probabilidade, mesmo no tempo em que estava em uso, não existia nenhuma gramática, mas apenas dicionários, chamados “léxicos”, “comentários”, “*notarum laterculi*”.



Abade Tritêmio

O historiador e teólogo, abade beneditino, Tritêmio (1462-1516) foi o primeiro que se ocupou das Notas Tironianas, que ele afirmou ser obra de Marco Túlio Cícero. Em 1498, descobriu um “saltério” escrito em Notas Tironianas, e que até àquele ponto era tido como redigido em língua armênia.

A descoberta do Tritêmio foi o primeiro passo, que tornou possível a tantos outros estudiosos prosseguirem na obra de reconstrução e redescoberta das Notas.

	approbat		modestus		epistola
	comprobat		immodestus		litera
	improbus		modicus		literæ
	probus		immodicus		syllaba
	probitas		commodus		tempus
	improbitas		incommodus		per tempus
	probabilis		accomodat		per idetempus
	reprobat		in modum		temporalis
	modus		admodum		extemporalis
	modulus		quoadmodum		homo

Quadro de notas tironianas do Tritêmio

De fato, a descoberta do Tritêmio atraiu logo a atenção de outros eruditos. Aqui é bom lembrar que foi o Tritêmio quem deu a denominação de “tironiana” a esta grafia especial. O termo “notas tironianas” é, pois, do Tritêmio.

O papa Júlio II (o papa de Rafael e de Michelangelo) recebeu, como curiosidade, uma obra escrita com signos antiqüíssimos e inusitados. E ele a submeteu a vários doutos, para que a interpretassem. Mas como não conseguiram, Júlio II confiou a tarefa ao douto Pietro Bembo (1470-1547), célebre humanista e historiógrafo de Veneza. Pietro Bembo era bibliotecário de S. Marco e possuía uma preciosa coleção de antiguidades.

Tratava-se de um fragmento de manuscrito, com o título “Hyginus, De Sideribus”, transcrito em caracteres não usuais, que Bembo, depois de várias tentativas de decifração, reconheceu como sendo a escrita de Cícero, as chamadas Notas Tironianas. Tratava-se de comentários de Iginio a respeito das estrelas.

*“Eo lecto, statim admonitus sum ratione esse illam Ciceronianam scribendi”.*  
(Tendo lido, me ocorreu de súbito que se tratava da maneira de escrever de Cícero.)

Ele não fala em Tiro, talvez por influência que tivesse tido dos estudos do Tritêmio.



Jan van Gruytère

Os estudos sobre as Notas Tironianas não progrediram, e o único que trouxe uma contribuição decisiva à matéria, depois do Tritêmio, foi o Grutero (Jan van Gruytère).

Grutero (1560 – 1627), filólogo de Anversa, professor em Heidelberg em 1592, partindo dos estudos do Tritêmio, publicou, em 1602, uma coletânea de 13.000 Notas Tironianas, em apêndice à obra “*Inscriptiones antiquae totius orbi romani*”, com o título de “*Notae Tulli Tyronis ac Annei Sececae, sive characteres quibus utebantur Romani veteres in scriptura compendiaría, ubi litera verbum facit*”.



**Jean Mabillon**

Um passo decisivo em direção ao estudo das Notas Tironianas foi dado pelas pesquisas e pelo labor dos Beneditinos da Congregação de S. Mauro, na Abadia de Saint Germain de Près, perto de Paris. Ocorreu após as polêmicas travadas entre Beneditinos e Jesuítas acerca da autenticidade dos documentos do Rei merovíngio. Jean Mabillon, monge da Abadia e um dos mais sábios e fecundos escritores do séc. XVII, publicou uma defesa, depois de seis anos de estudo, em 1681, a sua vasta obra “*De Re Diplomática*”, que constitui o nascimento da ciência diplomática e da paleografia.

Nesta obra, Mabillon dedicou algumas considerações a propósito das antigas abreviações.

No livro I, “*In quo veterum Instrumentorum antiquitas matéria et scripturae explicantur*”, no capítulo XI, depois de haver tratado dos vários tipos de escrita entre os romanos, menciona as “*notae compendiosae*” (*abreviações muito resumidas*), que, acrescenta, dizem terem sido inventadas por Tiro, liberto de Cícero.

No fim do Cap. XVIII, intitulado “*Tironis notae na receptae in Chartis*”, trata de propósito das Notas de Tiro “*quibus loquentem scribendi celeritate veteres adaequabant*” (com as quais os antigos seguiam no mesmo passo o orador com a velocidade do escrever).

Não se pode dizer que Mabillon tenha dado uma grande contribuição ao conhecimento e à interpretação das Notas Tironianas. O seu mérito foi ter mencionado as Notas, o que imprime valor de autoridade à sua obra, bem como do fato de que um erudito tão genial como ele tivesse compreendido a importância das Notas e tivesse feito referências a elas, acrescentando peso ao estudo de outros eruditos anteriores.

Por outro lado, uma substancial contribuição para a descoberta das Notas e sua construção foi trazida pelo beneditino Pietro Carpentier (1697-1767), que em sua obra “*Alphabetum Tironianum*” procurou revelar o ordenamento interno das Notas.

Outros estudiosos ocuparam-se das Notas e das suas interpretações, mas não trouxeram uma verdadeira e substancial contribuição no que se refere à sua reconstrução.



Ulrich Friderick Kopp

Um erudito alemão, porém, que muito contribuiu para o estudo e a redescoberta desta arte certamente foi Ulrich Frederick Kopp (1762-1834), célebre paleógrafo.

Kopp, que Massman denominou “divus Koppius”, publicou, em Mannheim, em 1817, a colossal e célebre “Palaeografia critica”, uma obra composta de quatro volumes, dos quais os primeiros dois dedicados à taquigrafia romana. O primeiro, intitulado “Tachigraphia veterum exposita et illustrata”, trata das origens, da história e literatura da taquigrafia latina e da sua teoria, com o exame detalhado de todos os documentos que o autor pôde estudar. Ao final, trata brevemente da antiga taquigrafia grega.

O segundo volume, intitulado “Lexicon tironianum” (664 páginas de duas colunas), é dividido em duas partes: uma que elenca 12.000 abreviações, por ordem do seu valor alfabético, com a transcrição literal e a interpretação e confronto. A outra, que dá uma lista alfabética das palavras latinas, com o reenvio às abreviações que lhes correspondem.

A exposição crítica de Kopp, que parte do pressuposto de que a taquigrafia romana deriva exclusivamente do alfabeto latino com aplicações dos princípios gramaticais, foi considerada fundamental para o conhecimento da origem e do valor das Notas Tironianas. O trabalho de Kopp abriu o caminho a todos os trabalhos posteriores e foi a base de todos os outros estudos sobre esta matéria, bem como se tornou um instrumento indispensável para a decifração das Notas.

Sobre Kopp, assim escreve o renomado paleógrafo Cesare Paoli: “A Kopp, como justamente foi dito, cabe o mérito de ter decifrado o sistema das Notas Tironianas, e com feliz intuição e com a demonstração científica ter exposto seus elementos e suas leis”.

Kopp foi o primeiro a intuir que as Notas Tironianas não eram ideogramas que pudessem ser lidos em qualquer língua, mas uma espécie de sistema contendo regras de formação e de abreviação.

As Notas, inventadas por Marco Túlio Tiro, reapareciam, assim, ainda uma vez, à luz do sol, revelando-se como um sistema de escrita profundamente orgânico.

Dois características são marcantes na estenografia tironiana, segundo Paoli (1840-1901): “A primeira é que se distinguem nela duas qualidades de signos: um *signum principale* para a parte fundamental das palavras (raiz, prefixo), e um ou mais *signa auxiliaria*, pequenos e ligeiramente traçados (em diversas posições) para as desinências; e o outro é que, além da forma em si mesma abreviada por caracteres alfabéticos, são empregados todos os modos que possam conferir maior concisão e rapidez na escrita, como as supressões e contrações de palavras e outras abreviaturas especiais”.

Alfabeto Troniano				
Alfabeto	Forma fonda- mentale	In un'altra posizione	Modificato	Abbreviato
A	Λ	1><	b b b b	Λ Λ Λ Λ
B	3	~ 3.		3
C	C	3 ~	∪ ∪ ∪ ∪ ∪	∪
Ch	X			Λ
D	∪		δ ρ	∪ o
E	∪	∪	∪ ∪ ∪	∪ ∪
F	∪	∪ ∪ ∪	∪ ∪ ∪	∪ ∪ ∪
G	<< ∪	∪ ∪ ∪	∪	∪ ∪ ∪
H	∪	∪	3	∪ ∪ ∪ - 2
I	∪	∪ ∪	∪ ∪ ∪ ∪	
K	∪	∪ ∪		∪ ∪ ∪ ∪
L	∪	∪ ∪ ∪ ∪ ∪ ∪	∪ ∪	∪ ∪ ∪ ∪
M	∪	∪ ∪ ∪	∪ ∪ ∪ ∪	∪ ∪ ∪ ∪ ∪ ∪
N	∪	∪ ∪	∪ ∪ ∪ ∪	∪ ∪ ∪ ∪
O	∪	∪	o b ρ ω	∪ ∪ ∪ ∪
P	∪	∪ ∪ ∪ ∪ ∪	∪ ∪ ∪	∪ ∪ ∪ ∪
Ph	∪			
Q	∪		∪ ∪ ∪ ∪	∪ ∪ ∪ ∪ ∪
R	∪	∪ ∪ ∪	∪	∪ ∪ ∪ ∪ ∪ ∪ ∪
S	∪	∪	∪ ∪ ∪	∪ ∪ ∪ ∪
T	∪		∪ ∪ ∪ ∪ ∪	∪ ∪ ∪ ∪
V	∪	∪ ∪	∪ ∪ ∪ ∪ ∪	∪ ∪ ∪ ∪
X	∪			
Z	∪			∪ ∪

Quadro extraído do livro "Storia Delle Scritture Veloci",  
de Francesco Giuliotti, pág.54.



TESTO IN NOTE TIRONIANE

𐌶𐌹𐌺𐌴𐌸

𐌶𐌹𐌺𐌴𐌸 𐌶𐌹𐌺𐌴𐌸 𐌶𐌹𐌺𐌴𐌸 𐌶𐌹𐌺𐌴𐌸 𐌶𐌹𐌺𐌴𐌸 𐌶𐌹𐌺𐌴𐌸 𐌶𐌹𐌺𐌴𐌸 𐌶𐌹𐌺𐌴𐌸 𐌶𐌹𐌺𐌴𐌸 𐌶𐌹𐌺𐌴𐌸  
 𐌶𐌹𐌺𐌴𐌸 𐌶𐌹𐌺𐌴𐌸 𐌶𐌹𐌺𐌴𐌸 𐌶𐌹𐌺𐌴𐌸 𐌶𐌹𐌺𐌴𐌸 𐌶𐌹𐌺𐌴𐌸 𐌶𐌹𐌺𐌴𐌸 𐌶𐌹𐌺𐌴𐌸 𐌶𐌹𐌺𐌴𐌸 𐌶𐌹𐌺𐌴𐌸  
 𐌶𐌹𐌺𐌴𐌸 𐌶𐌹𐌺𐌴𐌸 𐌶𐌹𐌺𐌴𐌸 𐌶𐌹𐌺𐌴𐌸 𐌶𐌹𐌺𐌴𐌸 𐌶𐌹𐌺𐌴𐌸 𐌶𐌹𐌺𐌴𐌸 𐌶𐌹𐌺𐌴𐌸 𐌶𐌹𐌺𐌴𐌸 𐌶𐌹𐌺𐌴𐌸  
 𐌶𐌹𐌺𐌴𐌸 𐌶𐌹𐌺𐌴𐌸 𐌶𐌹𐌺𐌴𐌸 𐌶𐌹𐌺𐌴𐌸 𐌶𐌹𐌺𐌴𐌸 𐌶𐌹𐌺𐌴𐌸 𐌶𐌹𐌺𐌴𐌸 𐌶𐌹𐌺𐌴𐌸 𐌶𐌹𐌺𐌴𐌸 𐌶𐌹𐌺𐌴𐌸  
 𐌶𐌹𐌺𐌴𐌸 𐌶𐌹𐌺𐌴𐌸 𐌶𐌹𐌺𐌴𐌸 𐌶𐌹𐌺𐌴𐌸 𐌶𐌹𐌺𐌴𐌸 𐌶𐌹𐌺𐌴𐌸 𐌶𐌹𐌺𐌴𐌸 𐌶𐌹𐌺𐌴𐌸 𐌶𐌹𐌺𐌴𐌸 𐌶𐌹𐌺𐌴𐌸  
 𐌶𐌹𐌺𐌴𐌸 𐌶𐌹𐌺𐌴𐌸 𐌶𐌹𐌺𐌴𐌸 𐌶𐌹𐌺𐌴𐌸 𐌶𐌹𐌺𐌴𐌸 𐌶𐌹𐌺𐌴𐌸 𐌶𐌹𐌺𐌴𐌸 𐌶𐌹𐌺𐌴𐌸 𐌶𐌹𐌺𐌴𐌸 𐌶𐌹𐌺𐌴𐌸  
 𐌶𐌹𐌺𐌴𐌸 𐌶𐌹𐌺𐌴𐌸 𐌶𐌹𐌺𐌴𐌸 𐌶𐌹𐌺𐌴𐌸 𐌶𐌹𐌺𐌴𐌸 𐌶𐌹𐌺𐌴𐌸 𐌶𐌹𐌺𐌴𐌸 𐌶𐌹𐌺𐌴𐌸 𐌶𐌹𐌺𐌴𐌸 𐌶𐌹𐌺𐌴𐌸  
 𐌶𐌹𐌺𐌴𐌸 𐌶𐌹𐌺𐌴𐌸 𐌶𐌹𐌺𐌴𐌸 𐌶𐌹𐌺𐌴𐌸 𐌶𐌹𐌺𐌴𐌸 𐌶𐌹𐌺𐌴𐌸 𐌶𐌹𐌺𐌴𐌸 𐌶𐌹𐌺𐌴𐌸 𐌶𐌹𐌺𐌴𐌸 𐌶𐌹𐌺𐌴𐌸  
 𐌶𐌹𐌺𐌴𐌸 𐌶𐌹𐌺𐌴𐌸 𐌶𐌹𐌺𐌴𐌸 𐌶𐌹𐌺𐌴𐌸 𐌶𐌹𐌺𐌴𐌸 𐌶𐌹𐌺𐌴𐌸 𐌶𐌹𐌺𐌴𐌸 𐌶𐌹𐌺𐌴𐌸 𐌶𐌹𐌺𐌴𐌸 𐌶𐌹𐌺𐌴𐌸

Praeceptum de aquae ductum.

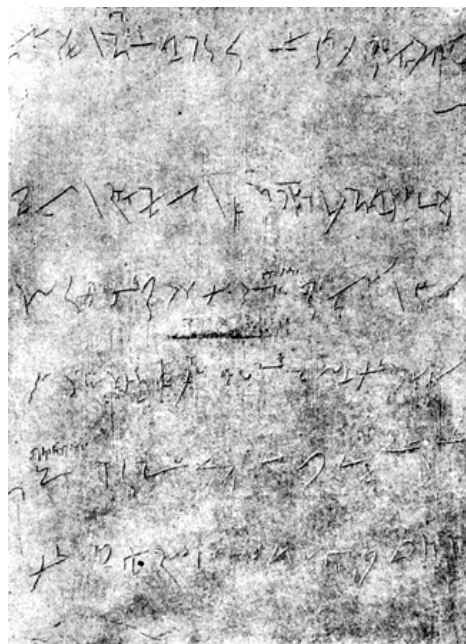
Notum sit omnibus fidelibus nostris, praesentibus scilicet et futuris quod Deus dedit venerabilis abbas innotuit \* celsitudini nostrae qualiter aquae ductum fecisset in Autisiodoro ad utilitatem monasterii sancti Germani aliorumque \* in eo habitantium, petiitque nos ut ei nostrae auctoritatis praeceptum fieri juberemus ut perpetuis temporibus \* à quavis prava ministracione immunis permanere potuisset. Cuius petitioni ad sensum praebuimus & hoc nostrae \* auctoritatis praeceptum ei fieri iussimus, per quod praecipimus atque jubemus ut ab ipsis fontibus, à quibus \* praedictus aquae ductus inchoatus fuit, uququedum incipit ingrediatur monasterium sancti Germani, nullus eum \* prohibere aut aliquo modo morari, vel quidquam quod ei, ad id quod factus est, impedimento esse possit, \*, facere praesumat; sed sicut memoratus abbas eundem aquae ductum facere disposuit, ita sine alicujus impedimento \* inviolabilis nostris futurisque temporibus permaneat; & si in aliquo loco emendatione opus habuerit, liceat ei \* absque ullius contradictione eum emendare. Et ut haec jussio nostra habeatur...

Chartae Ludovici Pii - Charta XVI (c. 835 d. C.)  
 P. Carpentier - Alphabetum tironianum, pag. 39.

(Extraído do volume do Carpentier, e a sua tradução latina.)



Fragmento de papiro do séc II, conservado em Lipsia, e encontrado no Egito em 1855, pertencente ao arquivo de um funcionário romano em Mênfis, todo escrito em caracteres taquigráficos. (Extraído do livro “Storia delle Scritture Veloci, Francesco Giulietti.)



Tabuleta encerada do séc III d. C., com nítidos sinais taquigráficos, do British Museum de Londres. (Extraído do livro “Storia delle Scritture Veloci, Francesco Giulietti.)

## Lista de importantes obras e autores que tratam da história da taquigrafia.

- ✓ **James Henry Lewis** (1816) (ing.)
- ✓ **Leon Scott de Martinville** (1849) (fr.)
- ✓ **Franz Julius Anders** (1855) (al.)
- ✓ **Giulio Valdemaro Zeibig** (1819 – 1905) – “Geschichte und Literatur der Geschwindschreibekunst” (História e Literatura da Arte de Escrever Rápido.)
- ✓ **Hans Moser** – “Allgemeine Geschichte der Stenographie”, Leipzig, 1889 (História Geral a Estenografia).
- ✓ **Karl Faulmann** (aus.) – “Historische Grammatik der Stenographie” (Viena, 1887);
  - “Geschichte und Literatur der Stenographie” (Viena, 1895);
  - “Illustrierte Geschichte der Schrift” (Viena-Leipzig, 1880)
- ✓ **Henri Krieg** (1835 – 1900) – “Katechismus der Stenographie” (1876, 3ª edição 1900)
- ✓ **Alfred Tschan** – “Geschichte, Wesen und Bedeutung der Stenographie” – Solothurn, 1881.
- ✓ **Christian Johnen** – “Geschichte der Stenographie” (Berlim, 1911);
  - “Allgemeine Geschichte der Kurzschrift” (1917)
  - “Kurzgefassten Geschichte der Stenographie” (2ª e 3ª edições: 1924 e 1928)
- ✓ **Matthias Levy** – “History of Short-hand Writing” (Londres, 1862)
- ✓ **Thomas Anderson** – “History of Short-hand” (Londres, 1882)
- ✓ **Isaac Pitman** – “A History of Short-hand” (1884, 3ª edição, 1891, 4ª edição, 1922)
- ✓ **Albert Navarre** – “Histoire générale de la Sténographie” (Paris, 1909)
- ✓ **Louis Prospere t Eugène Guénin** – “Histoire de la Sténographie dans l’antiquité et au moyen age” (Paris, 1908).
- ✓ **Olof Werling Melin** – “Stenografiens Historia” (dois volumes em língua sueca, publicados em Estocolmo em 1927-29).
- ✓ **Enrico Majetti** – “Disegno storico della stenografia” (2ª edição, Nápolis, 1910)
- ✓ **Felice Tedeschi** – “L’arte della stenografia, sua origine, storia e utilità” (Turim, 1873, 2ª edição, 1874)
- ✓ **Giuseppe Aliprandi** – “Storia della Stenografia” (Pádua, 1925)
  - “Lineamenti di storia della stenografia” (Turim, 1940)
- ✓ **Abramo Mòsciario** – “Sintesi della storia della Stenografia” (Roma, 1958).
- ✓ **Enrico Noe** – “Compendio di Storia della stenografia italiana” (Trieste, 1909)
  - “Storia generale della stenografia esposta in tavole cronologiche” (Trieste, 1912)
- ✓ **Arthur Mentz** (1882-1957) – “Geschichte und Systeme der griechischen Tachygraphie” (Berlim, 1907)
  - “Geschichte der Stenographie” (Berlim, 1920)
  - “Antike Stenographie” (Munique, 1927)
  - “Die Tironischen Noten” (Berlim, 1940-41)

Autores de obras sobre a estenografia antiga,  
especialmente sob o aspecto paleográfico e diplomático.

- ⇒ **Friedrich Ulrich Kopp**
- ⇒ **Theodor Gomperz**
- ⇒ **Victor Gardthausen**
- ⇒ **Michael Giltbauer**
- ⇒ **Karl Wessely**
- ⇒ **Jules Tardif**
- ⇒ **Julien Havet**
- ⇒ **Émile Chatelain**
- ⇒ **Wilhelm Schmitz**
- ⇒ **Ludwig Traube**
- ⇒ **Valentin Rose**
- ⇒ **Cesare Paoli**
- ⇒ **Carlo Cipolla**
- ⇒ **Luigi Schieparelli**
- ⇒ **Ernesto Monaci**
- ⇒ **Vincenzo Federici**
- ⇒ **Giulio Battelli**
- ⇒ **Giorgio Cencetti**
- ⇒ **Augusto Cacurri**
- ⇒ **Aldo Cerlini**
- ⇒ **Giorgio Costamagna**

**OBRAS CONSULTADAS:**

*Storia delle Scritture Veloci* (Giulietti, Francesco)

*La Stenografia Risorta Ad Arte Romana* (Canale, Mario)

*History of Shorthand* (Anderson, Thomas)

---